

**Por José Roberto Alegre**

Sócio-fundador da CML - Centro Médico Logístico e Davi Uemoto, diretor executivo da ABRAIDI - Associação Brasileira de Importadores e Distribuidores de Produtos para Saúde

Quando se fala em logística, é comum que o debate se concentre nos custos mais evidentes da operação, como transporte, armazenagem e distribuição. Embora esses elementos sejam fundamentais, eles representam apenas uma parcela do custo real envolvido na cadeia de suprimentos dos dispositivos médicos. Existe uma dimensão menos perceptível, mas muito mais impactante, formada pelos chamados custos ocultos da logística.

No setor de dispositivos médicos, esses custos podem surgir de diferentes formas. Um atraso na liberação aduaneira, uma inconsistência documental, falhas na rastreabilidade, condições inadequadas de armazenamento, transporte realizado fora dos padrões exigidos, rupturas de estoque ou processos ineficientes de logística reversa são situações capazes de provocar prejuízos muito superiores ao valor de um frete ou da armazenagem. Além das perdas financeiras, essas ocorrências geram atrasos, comprometem contratos, elevam riscos regulatórios e afetam diretamente o abastecimento de hospitais, clínicas e serviços de saúde.

Trata-se de um segmento que possui características muito particulares. Os dispositivos médicos estão entre os produtos mais regulados da economia, exigindo rigoroso cumprimento de normas sanitárias, controle de temperatura e umidade quando aplicável, rastreabilidade em todas as etapas da cadeia, além de elevada capacidade de resposta diante das necessidades do sistema de saúde. Nesse contexto, a logística deixa de ser uma atividade meramente operacional e passa a desempenhar um papel estratégico na garantia da qualidade e da segurança dos produtos.

Essa realidade torna ainda mais evidente a necessidade de integração entre todos os participantes da cadeia logística. Fabricantes, importadores, operadores logísticos, distribuidores e instituições de saúde precisam atuar de forma coordenada, compartilhando informações, padronizando processos e utilizando tecnologias que permitam monitoramento em tempo real, maior previsibilidade e rápida tomada de decisão. Quanto maior a integração, menores são os riscos de falhas que geram custos invisíveis.

Outro aspecto frequentemente subestimado é o impacto da conformidade regulatória sobre a eficiência logística. Investimentos em sistemas de gestão, automação, rastreabilidade, qualificação de fornecedores e capacitação das equipes não devem ser encarados como despesas adicionais. Ao contrário, representam mecanismos de prevenção capazes de reduzir perdas, minimizar riscos operacionais e evitar custos decorrentes de retrabalho, devoluções, multas ou interrupções no fornecimento.

As empresas que se destacam no mercado de dispositivos

médicos já compreenderam essa mudança de paradigma. Elas sabem que investir em planejamento, tecnologia, processos bem estruturados e parceiros especializados significa construir operações mais resilientes e sustentáveis. O retorno desse investimento se traduz em maior eficiência operacional, melhor utilização dos recursos, fortalecimento da conformidade regulatória e maior capacidade de atender às demandas de um setor em constante evolução.

Em um ambiente cada vez mais pressionado por exigências regulatórias, avanços tecnológicos e necessidade de ampliação do acesso às inovações em saúde, a logística passa a ser um diferencial competitivo. Sua função vai muito além da movimentação de mercadorias: ela garante a continuidade do negócio, protege a reputação das empresas e assegura que tecnologias essenciais cheguem aos profissionais de saúde e aos pacientes com qualidade, segurança e no momento em que são necessárias.

Fonte: [Abraidi](#), em 22.07.2026.